



***RISCAR E CONFUNDIR E MORRER DE RIR: PRODUZINDO
TERRORISMOS NAS RESISTÊNCIAS AO BINÁRIO DE GÊNERO***

***BORRAR Y CONFUNDIR Y MORIR DE RIR: PRODUCIR
TERRORISMOS EN LAS RESISTENCIAS AL BINARIO DE GÉNERO***

***SCRATCH AND CONFUSE AND LAUGH: PRODUCING TERRORISMS
IN RESISTANCE TO GENDER BINARY***

*Neilton dos Reis*¹

*Leandro Leal*²

*Roney Polato de Castro*³

RESUMO

Esse trabalho emerge a partir de reflexões de duas pesquisas de doutorado em Educação que buscam pensar as questões relacionadas à transgressão ao binário gênero (feminino/masculino) em um diálogo com as filosofias da diferença. Como metodologia para as pesquisas nós utilizamos a produção de narrativas com pessoas que intentam essa transgressão. Nosso objetivo artigo é refletir, a partir das narrativas, sobre políticas de resistência que podem funcionar como máquina de guerra na tentativa de redução da precariedade dessas vidas. Assim, construímos um diálogo para pensar a diferença e invenção de si como um espaço-tempo educativo.

PALAVRAS-CHAVE: Não-binaridade de gênero. Narrativa de si. Invenção. Resistência.

RESUMEN

Este trabajo emerge a partir de reflexiones de dos investigaciones de doctorado en educación que buscan pensar las cuestiones relacionadas con la transgresión al binario género (femenino / masculino) en un diálogo con las filosofías de la diferencia. Como metodología para las investigaciones utilizamos la producción de narrativas con personas que intentan esa transgresión. Nuestro objetivo es reflejar, a partir de las narrativas, sobre políticas de resistencia que pueden funcionar como máquina de guerra

¹ Doutorando em Educação. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.

² Doutorando em Educação. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, Brasil.

³ Doutor em Educação. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, Brasil.

en el intento de reducir la precariedad de esas vidas. Así, construimos un diálogo para pensar la diferencia e invención de sí como un espacio-tiempo educativo.

PALABRAS-CLAVE: No binaridad de género. Narrativa de sí. Invención. Resistencia.

ABSTRACT

This work emerges from the reflections of two doctoral researches in education that seek to think the issues related to the transgression of gender binary (feminine / masculine) in a dialogue with the philosophies of difference. As a methodology for research, we use the production of narratives with people who attempt this transgression. Our objective is to reflect, from the narratives, on policies of resistance that can function as a war machine in an attempt to reduce the precariousness of these lives. Thus, we construct a dialogue to think the difference and invention of itself as an educational space-time.

KEYWORDS: Non-binarity of gender. Narrative of itself. Invention. Resistance.

* * *

Introdução

Este artigo se configura pelas provocações e desdobramentos de duas pesquisas de doutorado em Educação em construção, que investem na potencialidade de encontrar com sujeitos que não fixam suas experiências de gênero em identidades binárias (*ser mulher* ou *ser homem*), mas que tentam se movimentar através da diferença. Trabalhamos em uma pesquisa com a produção de narrativas de pessoas que se identificam com a não-binaridade de gênero e em outra pesquisa com a produção artística-teórica de Linn da Quebrada. Nesse texto pensamos a pesquisa e a narrativa de si como espaços-tempo educativos onde se aprende, educa, ensina e produz sentidos sobre resistência, invenção de si e tentativas de redução de precariedade da vida.

Foram três os sujeitos que encontramos – todos residentes em Juiz de Fora, Minas Gerais – e que conversamos em dois ou três momentos individuais que dizem da não-binaridade de gênero. Dessas três pessoas selecionamos apenas as narrativas de uma para esse trabalho, ela será chamada Elfo – nome fictício. As conversas giraram em torno de 1h e 30min, foram gravadas em áudio e transcritas integralmente. As narrativas de Linn da Quebrada foram retiradas de entrevistas que se encontram públicas na internet. A escolha dessas narrativas e entrevistas em específico se deu a partir do recorde desse artigo, com as questões que levantamos nele.

Dentre tais questões, ressaltamos uma: como as experiências de invenção de si narradas por esses sujeitos podem funcionar como máquina de guerra que se dirige contra as normas binárias de gênero e promovem resistência? Para tal, recorreremos ao diálogo com as filosofias da diferença e estudos decoloniais. O texto está dividido em três partes: essa introdução, na qual apresentamos a temática central do trabalho bem como seus aportes metodológicos; em seguida passamos ao diálogo com as narrativas de Linn e Elfo; e finalizamos com algumas considerações gerais pertinentes aos assuntos discutidos.

“Colocando o meu corpo como arma”: invenção e resistência

Encaramos as narrativas que apresentaremos aqui (bem como nossas próprias pesquisas em si) na intencionalidade de um espaço-tempo que educa e constrói uma máquina de guerra. Como Deleuze e Guattari apontam, “uma máquina de guerra está dirigida contra o Estado, seja contra Estados potenciais cuja formação ela conjura de antemão, seja, mais ainda, contra os Estados atuais a cuja destruição se propõe” (DELEUZE e GUATTARI, 1997, p. 16). Quando Elfo e Linn não pretendem (como também nós não pretendemos) resolver problemas da norma de gênero ou mesmo questões educacionais do Estado, mas indicar para a insuficiência dessas matrizes para se pensar a formação do sujeito e as experiências de gênero, percebemos essa perspectiva.

Tudo isso nos faz pensar: como opera essas máquinas de guerra no cotidiano de resistência? O que pode essa máquina de guerra na Educação? Que tremores a transgressão ao binário de gênero provoca (seja em uma escola, seja em um artefato cultural, seja alguma outra instituição, seja nas relações em um bar)? As narrativas construídas por Linn da Quebrada nos dão algumas dicas dessas provocações: quando dizem de confusões, desconfortos e desajustes

REVISTA: O que é terrorista de gênero?

LINN: Eu lancei essa ideia porque eu acho que a violência da sociedade com alguns corpos, corpos como o meu, pretos, transviados, de quebrada, essa violência está posta. É necessário responder também com terror, com agressividade, colocando o meu corpo como arma, como protesto, manifesto, como pólvora diante desse sistema que é violento cotidianamente.

REVISTA: Eu penso, antes de tudo, que o “choque” é mais consequência e não causa do conservadorismo. Como é viver no Brasil e na zona leste nos últimos anos?

LINN: Exatamente. Ele é resposta. Essa violência, essa opressão, não só na zona leste, mas em toda a São Paulo, nos territórios por onde eu passei, sempre existiu. Essa hostilidade para corpos como o meu, negros, para corpos travestis, corpos trans, corpos pretos, está dada. O que tem mudado é a formação de redes com pessoas que vivem essa mesma situação ou situações semelhantes, estabelecendo parcerias para nos mantermos vivos. Juntas nós conseguimos nos manter mais fortes, nós conseguimos ocupar outros espaços, conseguimos nos proteger.

(LINN, TRÓI, 2017)

As variadas formas de reação das pessoas vão provocar, em diálogo, várias formas de reação das pessoas que tentam a transgressão: aproximação, afastamento, dúvida e, também, confusão. Linn parece apostar num operar enquanto/na/pela diferença, onde os posicionamentos dualistas são colocados em cheque em prol dos “indecidíveis”, isto é, unidades de simulacro, ‘falsas’ propriedades verbais, nominais ou semânticas, que não se deixam mais compreender na oposição filosófica (binária) e que, entretanto, habitam-na, opõe-lhe resistência, desorganizam-na” (DERRIDA, 2001, p. 49-50). Indecisíveis enquanto terrorismo, enquanto resistência, enquanto composição de um sistema rizomático. A invenção de si guardando “consigo o ato de resistir, de inventar uma nova resistência e de criar linhas de fuga que abram brechas nas territorialidades fechadas e dominadas” (SEGURADO, 2007, p. 56). Inventar novas formas de habitar o gênero é, assim, um próprio (re)inventar-se, de resistir e de pensar em outras formas de se movimentar simbólica e socialmente.

Acreditamos que a *formação de redes* e a *ocupação de outros espaços* que Linn defende não estejam apenas no plano de espaços físicos, mas também epistemológicos. Intentamos, então, ocupar e inventar outros espaços-tempo com os verbos-conceitos que produzimos com as pessoas da pesquisa. Pensando nessas (re)invenções que educam para o gênero e para as relações nos direcionamos às narrativas de Elfo com objetivo de apreender alguns verbos que nos movimentem no terrorismo.

Pesquisador: E como são as suas tentativas de tentar não se rotular? Em quais espaços você já tentou isso? Como funciona isso?

Elfo: Sim, eu já fiz. Às vezes eu vou em encontros com minha. Minha mãe participa de alguns movimentos sociais. Aí às vezes eu só dou meu nome. Tem lá “sexo”, aí eu risco. Eu não ponho nem um, nem outro.

Pesquisador: E como que as pessoas reagem?

Elfo: Algumas olham pra minha cara, tipo [*expressão de incompreensão*]. Aí eu falo: “não me rotulo, pense o que quiser de mim”. Aí minha mãe às vezes tá perto e fala: “ah, minha filha é assim mesmo”. Aí então existem momentos assim fáceis. Eu não tenho essa questão de “ah, então você é masculino ou feminino?”. Aí no meu exame de sangue minha médica colocou *masculino* e pediu exame que é feito pra ver hormônio feminino e pra ver a lactase. Aí a moça olhou pra minha cara assim, tipo, “o exame é pra você?”. Aí eu: “É”. Aí ela: “ah, sua médica colocou errado né?”. Eu disse “o que? Ela pediu o exame errado?”. Aí ela “não, colocou *masculino*”. Aí a outra moça cutucou ela e falou “é isso mesmo”. Porque a outra moça já me conhece há muito tempo. Aí então tipo, nesse laboratório meu nome eles chamam certo. Eles não falam tipo “Senhora fulano”, “senhor fulano”. Eles me chamam pelo nome. Então eles não me definem. Então é uma coisa que você tem que construir sabe. É difícil? É. Mas eu acho que se você nunca tentar, você nunca vai saber como que vai ser.

(Elfo - Conversa 3)

Igual um dia que eu saí com o André e uma menina chegou em mim: “ah você é tão bonitinho”. Aí eu “André, fala com ela”. Aí ela chegando pro meu lado, pegou o whatsapp. E ela falando “ah, é tão bom ficar perto de você. Posso sentar do teu lado?”. Eu fiquei meio assim e ela: “ah você é tão tímido, não fala quase nada”. E eu “é... só de vez em quando”. Aí eu falei assim “André, você tem que falar com ela”. E ele “não, ela gostou de você”. Porque depois até explicar que focinho de porco não é tomada, vai ser difícil. Aí eu falei com minha terapeuta e ela disse “você acha que ela não desconfiou? Que tem alguma coisa de errado?”. Eu sei lá, porque ela insistiu tanto. E eu não sabia o que fazer. Porque nunca tinha acontecido isso, de uma pessoa chegar e ficar perto de mim, querer ficar, querer... eu não sabia o que fazer. Aí tanto foi que ela perguntou se eu e André, se a gente era um casal gay. Aí eu “hã?!”. Eu respondi “não, nada contra, mas a gente é só amigo”. Então às vezes acontece muito essa confusão, essa coisa de as pessoas não saberem.

(Elfo – Conversa 1)

Os primeiros verbos que trazemos é o *riscar* e o *confundir*. Elfo ensina com suas práticas algumas possibilidades de ação como *protesto*, *manifesto*, *como pólvora*. A resposta com *terror* trazida e defendida por Linn da Quebrada em sua entrevista. Riscar aquilo que os formulários, as relações, as matrizes e a norma apresentam como únicas escolhas possíveis. Inventar existências outras. Colocar em xeque as caixinhas e as opções limitantes. O riscar de Elfo se conecta à recusa cotidiana dos corpos que não pretendem se conformar em determinada identidade, sem questioná-la, rabiscá-la, borrá-la e confundi-la.

Nesse sentido, nos direcionamos ao *confundir*. O encontro com a diferença provoca desestabilizações, confusões. Como aponta Suely Rolnik, essa desestabilização pode nos colocar

a exigência de criarmos um novo corpo (um novo modo de sentir, de pensar, de agir) que venha encarnar este estado inédito que se fez em nós. E a cada vez que respondemos à exigência imposta por um destes estados - ou seja, a cada vez que encarnamos uma diferença – nos tornamos outros (ROLNIK, 1994, p. 161).

E é justamente nesses processos sempre reiterados de diferenciar-se, tornar-se outro que as experiências de transgressão vão desestabilizar também as experiências binárias e o que as normatiza. A matriz de normas de gênero não sai ilesa desses encontros, dessas confusões. Ela é repensada por cada sujeito, colocada em xeque, engasgada...

Pesquisador: E esse momento de confusão das pessoas não conseguem nomear se é menino ou menina, acontece muito?

Elfo: Acontece e eu adoro! É o que eu falei: quando eu tô com uma roupa mais masculina, aí eu entro numa loja e falam “ah, oi senhor, tudo bem meu jovem?”; aí quando eu falo, é “ah, desculpe”. E eu morro de rir. Até mesmo no hospital quando eu tive dengue – minha mãe ficou pra morrer. Olha só: eu tava com uma blusa que era mais colada, mas eu estava com um bermudão. Eu tava mal, deitada na cama e tal. Aí a enfermeira virou pra minha mãe e falou assim “eu vou fazer a coleta de sangue do seu filho”. Eu olhei pra minha mãe e minha mãe falou assim “ahhhta”. Aí ela veio “nossa tadinho do seu filho, tá com uma carinha tão abatida e tal”. E ela ficou calada. Aí eu comecei a rir. Aí eu disse assim “Mãe, você tem um filho gay, só pode! Porque com essa blusa”. Aí minha mãe começou a rir: “não começa que eu te deixo aqui e vou embora”. Aí a moça pegou e falou pra ela que não era *ele*, que era *ela*. Daí na hora que ela veio de novo colher o sangue, ela começou a falar “aqui, e...e...e...ele...ela...e...e... eu vou colher seu sangue”. Então assim, eu me divirto. Eu acho o máximo. Eu acho que, sei lá, ninguém precisa saber. Eu acho bacana isso. Eu acho legal. Eu acho que o que importa é o respeito, sabe. Agora se vai ser ela... ou se não vai ser nada...

(Elfo – Conversa 1)

A confusão que Elfo provoca, quando não ocorre, se faz confusão. Por algum momento é impensável que alguém queria permanecer ao lado, “*nunca tinha acontecido isso*”. A continuidade de afastamentos que a trajetória de vida de Elfo indica é descontinuada por um encontro de presença. Trabalhando *espinosamente* (e, ainda que

de forma binária) Sílvio Gallo nos dá indícios da multiplicidade de encontros e suas produções: “há os bons encontros, que aumentam minha potência de pensar e agir – o que o filósofo chama de alegria – e há os maus encontros, que diminuem minha potência de pensar e agir – o que ele chama de tristeza” (GALLO, 2009, p. 1). Escolhemos não operar classificando encontros e relações com totalidade de “aumentam” ou “diminuem” determinadas potências. Entretanto, é interessante pensar que, na narrativa, se a pessoa que se aproxima não demonstra a consternação de um aumento ou diminuição de potência, é Elfo quem assume esse lugar descontinuado. E agora, a confusão, o “*eu não sabia o que fazer*”, a desestabilização que geralmente provoca é devolvida.

Refletimos sobre as narrativas de Elfo a partir das proposições de Beatriz Ferreira Pires (2003) que localiza o prazer não apenas na produção do corpo, mas também na verificação das reações que essa construção causa ao outro. A partir disso, trazemos o último verbo (expressão): *morrer de rir*. Aquilo que transforma em escárnio e provocação e diversão o não entendimento, a confusão, os momentos de tensionamento.

É interessante pensar que a diferença de gênero pode não ser desestabilização apenas para Elfo, mas também para muitas pessoas que estão ao redor. Encontros que se fazem de experiência – seja para Elfo, para sua mãe, ou mesmo para a enfermeira, a recepcionista do laboratório ou o atendente da loja de roupas. A multiplicidade se expressa: cada encontro, cada pessoa, cada corpo, cada momento poderá ser de (des)subjetivação, um novo repensar a diferença, a identidade, o gênero de si e do outro. São processos de (des)(re)construção contínuos, não se encerram nos processos de diferenciação, de identificação ou de encantamento, mas se reiteram nos cotidianos, nas negociações, nos prazeres e nos desconfortos.

Elfo e Linn, com seus verbos, vêm construindo espaços-tempo educativos. As pesquisas em andamento são exemplos, mas tantos outros podem se produzir, como observamos: na entrevista a uma revista, numa mesa de bar, no encontro com a família, no fala.

Assim, percebemos que as duas, ao experienciar o gênero e a transgressão, educam sobre ele e sobre as possíveis resistências. Estão juntas, em rede. E, ainda, educam e constroem saberes sobre si, sobre suas formas singulares de experienciar. A educação parece estar diretamente relacionada a isso: experiência e construção de subjetividades – sendo a partir disso que discutimos as questões nesse texto.

Conclusão

Diferença implica em questionamentos contínuos, desconforto com as verdades rígidas. Um caminho de interrogações, muito mais que de afirmações. O estranhamento que toma o lugar da clareza. A estabilidade, fixidez que é atravessada pela fluidez, pela incerteza, pelo movimento. As transgressões às normas binárias de gênero e às invenções dos próprios corpos, se pensadas enquanto diferença, estarão no trânsito, na fronteira – vibrando pra a desestabilização desses limites.

No campo da Educação, pensar junto ao conceito de invenção e máquina de guerra é potente por sinalizar que não pretende-se criar formas, métodos, soluções ou receitas, mas justamente focar nos devires que estão nos meios dos processos educativos. Com Elfo e Linn, pretender-se máquina de guerra é coexistir com a máquina de controle do educar (para o gênero, também). É, de dentro da área da Educação “opor resistência, quebrar os mecanismos, como ludistas pós-modernos, botando fogo na máquina de controle, criando novas possibilidades” (GALLO, 2002, p. 176). É construir problemas de pesquisa e de vida e discussões que vão minando, desterritorializando, retirando os órgãos, rizomatizando.

Referências

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. 1227–Tratado de Nomadologia: a máquina de guerra e 7000 AC–Aparelho de Captura. *Mil platôs*, v. 5, São Paulo: Ed. 34. 1997.

DERRIDA, Jacques. *Posições*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2001.

GALLO, Sílvio. "Eu, o outro e tantos outros: educação, alteridade e filosofia da diferença." *Anais do II Congresso Internacional Cotidiano: Diálogos sobre Diálogos*. Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro. 2009.

LINN; TRÓI, Marcelo de. *Linn da Quebrada: Ficou insustentável fingir que nós não existimos*. Revista Cult. 2017. Disponível em:

<<https://revistacult.uol.com.br/home/entrevista-linn-da-quebrada/>>. Acesso em 15 de janeiro de 2019.

PIRES, Beatriz Ferreira. O corpo como suporte da arte. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. 6, n. 1, p. 76-85, 2003.

ROLNIK, S. Cidadania e alteridade: o psicólogo, o homem da ética e a reinvenção da democracia. In: SPINK, M.J. P. (org.) *A cidadania em construção: uma reflexão transdisciplinar*. São Paulo: Cortez, 1994. p. 157-176.

SEGURADO, Rosemary. Por uma estética da reexistência na relação entre arte e política. In: CHAIA, M. (Org.). *Arte e política*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2007. p. 41-58.

Recebido em Novembro de 2018.

Aprovado em Janeiro de 2019.

Revista
Diversidade
e Educação